

Episódio 1 – Portugal Chama

[som ambiente com banda sonora]

Manuel Bivar: Isto é uma zona bastante povoada, tem uma fábrica ali, d'um grupo francês, no meio dos eucaliptos.

Sofia da Palma Rodrigues: Isto são casas, casas, casas.

Manuel Bivar: Tudo vazio.

Sofia da Palma Rodrigues: Ou vazio ou pelo menos não se vê vivalma. Já viste?

Manuel Bivar: Isto a gente já está no Douro.

Sofia da Palma Rodrigues: Olha, isto tem aqui umas cerejeiras impecáveis

Manuel Bivar: Olha, esta cheia de flores.

Sofia da Palma Rodrigues: Isto são umas encostas...

Manuel Bivar: Olha aqui, madeira à farta.

Sofia da Palma Rodrigues: Sim, mas já viste, não encontramos um único caso de madeireiros no tribunal. Um único.

Sofia da Palma Rodrigues: Este sítio é bonito.

Manuel Bivar: Mais ou menos. Estes pinheiros, estes eucaliptos.

E se a gente parasse aqui e vamos a pé?

Sofia da Palma Rodrigues: Vamos, vamos...

Manuel Bivar: Olha, os cafés estão todos fechados.

Sofia da Palma Rodrigues: O café da entrada tinha gente, que eu lembro-me.

[fim da banda sonora]

Sofia da Palma Rodrigues: Muitas vezes, está-se sempre a falar dos incendiários, isto e aquilo, mas nunca ninguém vai falar com as pessoas que põem fogo.

António (nome fictício): Pois...

Sofia da Palma Rodrigues: E tentar perceber porquê. E é por isso que nós estamos aqui.

[jingle]

País de Incendiários

Um podcast de investigação
da revista Divergente

Manuel Bivar: Num dia quente de Verão, na beira do rio Sever, a olhar para a encosta acabada de arder do castelo de Marvão, lembrámo-nos de fazer uma reportagem sobre incendiários. Ao escutar os boatos de fogo posto que corriam nas margens do rio, e depois ao ler as notícias, que não adiantavam grande coisa sobre a causa do incêndio, deu-nos esta vontade de ouvir, e tentar perceber, o que leva alguém a pôr fogo. Mas não sabíamos por onde começar, nem como chegar às pessoas. E pareceu-nos boa ideia passar o resto do Verão a ler o que nos média tinha sido publicado sobre incendiarismo. Lemos centenas de notícias e um sem-fim de editoriais a pedir o endurecimento de penas. Mas não encontramos uma única história de vida, ou uma reportagem aprofundada. E a conclusão a que chegámos foi a de que a maioria dos artigos são cópia dos comunicados que a Polícia Judiciária faz quando apanha alguém e o leva preso.

Depois, olhámos para os números, e andámos às voltas com a tabela de Excel, onde estão registados todos os incêndios ocorridos em Portugal, o país que mais arde na União Europeia. Decidimos entrevistar quem apura as causas de fogo em Portugal, quem publica as estatísticas, e os responsáveis pelas medidas de combate ao fogo. Este primeiro episódio é sobre isso.

Nos restantes cinco episódios, fazemo-nos à estrada. Entrevistamos dezenas de pessoas, entramos em muitos tribunais, lemos centenas de páginas de processos crime. De Norte a Sul do país, falamos com polícias, bombeiros, médicos, técnicos florestais, responsáveis políticos mas, sobretudo, falamos com incendiários.

Este não é apenas um retrato de quem põe fogo. É o retrato de um país. E é um retrato de onde ninguém sai bem. É a história de um país que abandonou grande parte do seu território e ali deixou, desprezada, parte da sua população.

[continuação do *jingle*]

Manuel Bivar: Eu sou o Manuel Bivar.

Sofia da Palma Rodrigues: Eu sou a Sofia da Palma Rodrigues.

Manuel Bivar: E este é “**País de Incendiários**”, um podcast de investigação da revista DIVERGENTE.

[continuação do *jingle*]

Manuel Bivar: Primeiro episódio: “**Portugal Chama**”.

[fim do *jingle*]

Luís Ribeiro: E vamos aqui do lado esquerdo, ‘tá bem, que assim vamos lá à sala. Querem lá ir num instante?

Manuel Bivar: Sim, sim.

Luís Ribeiro: Veja lá, não tropecem nos fios.

Sofia da Palma Rodrigues: Vamos.

Manuel Bivar: Lemos um... Tínhamos lido um estudo de apuramento de causas de um colega vosso, que agora não me lembro do nome, que é de Coimbra, do SEP... Não sei se ele ainda era do SEPNA.

Sofia da Palma Rodrigues: Em Novembro de 2023 fomos a Viseu, ao Comando Distrital da GNR, o local onde se formam os guardas que investigam as causas dos incêndios em Portugal e onde funciona um centro de videovigilância.

Luís Ribeiro: Pronto, aqui é a nossa sala de situação. No fundo, é o centro nevrálgico de controlo de toda a nossa actividade operacional policial, ‘tá bem? Camaradas, viva. Temos aqui uns senhores jornalistas que vêm...

Sofia da Palma Rodrigues: Olá, bom dia.

Luís Ribeiro: ... só dar aqui uma espreitadela ao nosso sistema de videovigilância florestal. Só desligar aqui... Pronto, isto é um sistema de videovigilância florestal que é operado através desta sala. E, no fundo, a partir daqui conseguimos fazer *zoom* para vários pontos, as câmaras rodam num ângulo de 360 graus e dão-nos aqui uma panóplia de informações, inclusivamente têm um sistema que, de uma forma automática, detecta uma coluna de fumo.

Sofia da Palma Rodrigues: Tínhamos lido que a maioria dos fogos em Portugal são queimas e queimadas, pequenos descuidos, fogos postos para queimar restos de lenha e vegetação que, por vezes, se descontrolam. Numa sala cheia de câmaras e computadores, entrevistámos Luís Ribeiro, chefe do SEPNA, o serviço da Guarda responsável por apurar as causas de fogo em Portugal.

Luís Ribeiro: As queimas de sobrantes são as principais causas – são cerca de 43% – das causas de incêndios no nosso país. Portanto, e nós temos que conseguir explicar às pessoas que existem outras formas de eliminação desses sobrantes que não apenas pelo uso do fogo.

Sofia da Palma Rodrigues: O discurso do chefe do SEPNA ia ao encontro da estratégia do Governo que, desde 2017, depois de Pedrógão Grande e dos grandes incêndios da região Centro, se focou sobretudo na prevenção e criminalização das queimas e queimadas.

Sofia da Palma Rodrigues: E, por exemplo, relativamente ao incendiarismo, vamos a um ano mais recente, 2021, o incendiarismo – fogo posto por incendiários – representou 36,9% do total de área ardida.

Luís Ribeiro: Do total de área ardida. Não quer dizer que seja do número de incêndios, não é?

Sofia da Palma Rodrigues: Não, do total de área ardida.

Luís Ribeiro: Foi cerca de 20% mais ou menos.

Sofia da Palma Rodrigues: Sim, mas 36,9% da área ardida em Portugal, em 2021...

Luís Ribeiro: Correcto.

Sofia da Palma Rodrigues: ... foi fogo posto.

Luís Ribeiro: Ok.

Sofia da Palma Rodrigues: As tabelas de Excel mostravam que as queimas e queimadas eram a principal causa dos incêndios. Mas uns dias antes de falarmos com Luís Ribeiro, tínhamos feito um exercício: em vez de olhar para as ocorrências, tentámos perceber qual a causa que a cada ano mais terra faz arder. E o incendiário era o responsável pela maior parte da superfície queimada.

Sofia da Palma Rodrigues: Qual é a relevância, em termos de relevância, de olhar para a área ardida e para o número de ocorrências? Porque, por exemplo, eu quando comecei a olhar para os números, enquanto pessoa que não percebe nada disto, para mim é-me mais relevante perceber que ardeu uma quantidade de floresta gigante do que saber que existiram 20 pequenos fogos que queimaram as silvas à porta de casa.

Luís Ribeiro: Bom, a área que foi... a área florestal queimada tem a sua importância...

Sofia da Palma Rodrigues: O número de hectares, no fundo. A área florestal não é o termo mais correcto que eu usei.

Luís Ribeiro: Tem a sua relevância, que é um facto. Como é lógico, nós não queremos que o nosso país arda. E isso pode ter, eventualmente, algum reflexo, para se pensar em termos do que é que falhou, eventualmente, no combate. Aquilo que falhou ou aquilo que não falhou! Porque, porque...

Sofia da Palma Rodrigues: Luís Ribeiro não tinha resposta para a nossa pergunta. E esta sensação, de que a estatística mostrava um cenário para o qual ninguém tinha olhado, viria a repetir-se mais vezes.

João Pinho: Há uma dissonância. Portanto, aquilo que a sociedade pensa que são as causas, não são as causas. Isto também é um bocadinho por via daquilo que passa na comunicação social.

Sofia da Palma Rodrigues: A primeira pessoa que entrevistámos para esta reportagem foi João Pinho, responsável pelo Programa de Fogos Rurais, do ICNF, o

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, que gere a base de dados de todos os incêndios. E, tal como fizemos com Luís Ribeiro, da GNR de Viseu, perguntámos sobre a importância do incêndiarismo em Portugal. E falámos de números. Mas João Pinho dava-nos a entender que muitos dos incêndios identificados como fogo posto eram alarmismo social, e tinham outras causas.

João Pinho: Um repórter ou um jornalista chega a um incêndio, investiga um bombeiro que está estressado ou um popular que anda ali, não sei quê, não faz a mínima ideia. Epá, é quase tudo fogo posto. Os incêndios às seis da manhã. Como é que apareceu um incêndio às duas da manhã? Às seis da manhã? “N” causas. Há “n” causas que explicam perfeitamente isso. Um exemplo: um cidadão passou numa estrada florestal a fumar, deitou a beata, estava muito calor, mas não havia vento. À noite, há ventos locais, ventos de montanha, brisas de montanha. De noite, é de cima para baixo; de dia, é de baixo para cima. O cigarro ficou ali a moer, às duas ou três da manhã levanta-se um vento muito forte, é o suficiente para accionar...

Sofia da Palma Rodrigues: Mas por exemplo.

João Pinho: Eu estou a dar um exemplo.

Sofia da Palma Rodrigues: Essa percepção social existe, mas os números olhando para eles também a corroboram.

João Pinho: Certo. E lá está, e se nós formos eficientes na diminuição das outras causas, vai aumentar a percentagem.

Manuel Bivar: A percentagem, mas...

João Pinho: A percentagem vai aumentar. E pode dar a noção errada: “Epá, cada vez há mais incendiários”. Pode não ser. Temos que ver isso com o número de incêndios, e também...

Manuel Bivar: ... mas nós analisamos o número de incêndios e não a percentagem.

Sofia da Palma Rodrigues: O que o técnico do ICNF queria dizer é que, ao reduzir outro tipo de fogos, o incêndiarismo ganhou relevância nos números totais. Mas os dados mostravam o contrário: que o número de incêndios intencionais tem sido constante ao longo dos anos. Estes números são divulgados no site do ICNF todos os anos.

Luís Ribeiro: Vamos sair. Então vá, até já e obrigado.

Pronto, já temos ali os nossos técnicos na parada. Já estão lá à nossa espera, é só arrancarmos.

Manuel Bivar: Quantos técnicos é que vocês têm aqui...

Luís Ribeiro: Aqui na área nós temos...

Manuel Bivar: ... a fazer esse trabalho?

Luís Ribeiro: Cerca de 25 a 30.

Sofia da Palma Rodrigues: Estamos de volta a Viseu, desta vez para ir com Luís Ribeiro até Cepões, onde tinha havido o maior incêndio do distrito em 2023.

Luís Ribeiro: Respirar.

Sofia da Palma Rodrigues: Só eucalipto.

Luís Ribeiro: Não, então, aqui é pinheiro. Lá em cima é que é eucalipto.

Sofia da Palma Rodrigues: Lá em cima.

Manuel Bivar: Ali à frente. Pois, ainda queimou aquela faixa.

Luís Ribeiro: Aqui é *Pinus*.

Rui Carvalho: Não queimou aquela.

Luís Ribeiro: A nossa floresta portuguesa.

Rui Carvalho: Queimou 70 hectares.

Manuel Bivar: Não, não, estava a ver é que depois vem uma faixa ali, isolada ali no meio daquilo.

Luís Ribeiro: É daqueles incêndios a que nós chamamos incêndios em vale encaixado [...]

Sofia da Palma Rodrigues: Estávamos ali para tentar perceber como é que se identifica a causa de um incêndio. E para isso, contámos com as explicações do Sargento Chefe Aguiar e do Mestre Florestal Rui Carvalho.

Sargento-Chefe Aguiar: É importantíssimo as equipas de investigação deslocarem-se o mais rápido possível para o ponto de início, porque é no ponto de início que nós vamos centrar a investigação. Se há meios de prova, é lá que eles estão.

Manuel Bivar: O senhor há bocado estava a dizer que, sendo junto de uma estrada, eu estava a perguntar porque é que não podia ser uma beata, não é? E a justificação que estava a dar é interessante.

Rui Carvalho: Nós quando chegámos ao local fizemos a medição das condições meteorológicas e calculámos a humidade dos combustíveis, e sabemos que a humidade que estava naquele momento, que não era possível uma beata ignir os combustíveis finos e mortos. A humidade estava mais elevada.

Sargento-Chefe Aguiar: E não encontrámos a beata.

Rui Carvalho: E não encontrámos também uma beata na zona quando fizemos a busca fina.

Sofia da Palma Rodrigues: No terreno, o Mestre Rui Carvalho explicava-nos ser muito difícil confundir um incêndio provocado por uma beata com um fogo posto

por um incendiário, exactamente o contrário daquilo que João Pinho nos tinha dito no ICNF. Ficámos confusos. E cada vez mais curiosos por ouvir pessoas acusadas de pôr fogo, de saber quem eram e perceber que motivações tiveram. E uma boa maneira, achámos nós, foi começar pelos tribunais.

Funcionária: Isto é um dos depósitos de arquivo que nós temos, podem entrar, sejam bem-vindos.

Manuel Bivar: Obrigado.

Não faltam...

Funcionária: Levamos logo dois ou três, que eu tenho um carrinho de transporte...

Manuel Bivar: Não faltam processos aqui.

Funcionária: Não, não, isto é só um depósito.

Manuel Bivar: [risos]

Funcionária: Pronto, os processos estão todos aqui. Qual é que querem começar primeiro, é indiferente?

Sofia da Palma Rodrigues: É indiferente.

Manuel Bivar: Portanto, aqui... estes de cima ou é tudo?

Funcionária: Tudo, tudo até aqui.

Manuel Bivar: Tudo até aqui.

Sofia da Palma Rodrigues: Ok.

Manuel Bivar: Então...

Funcionária: Quando acabarem, depois vão-me chamar e vimos cá outra vez. 'Tá bem?

Manuel Bivar: 'Tá bem.

Funcionária: Que a minha altura não ajuda muito.

Sofia da Palma Rodrigues: Ui!

Manuel Bivar: Ai, ai, ai!

Funcionária: Esse não é só um.

Sofia da Palma Rodrigues: Dá cá que eu levo estes. Ponha-me esses aqui.

Funcionária: Qual é esse? É o...? Não é igual. Às vezes podia-se ter despernado.

Sofia da Palma Rodrigues: Pedimos acesso aos processos de pessoas condenadas pelo crime de incêndio florestal em várias comarcas do país. E, no meio de toneladas de papel, encontrámos muitas histórias de incendiários. Mas a maior parte do tempo que passámos enfiados nos tribunais foi a ler sobre gente acusada de pequenas queimas e queimadas. Pessoas que muitas vezes fizeram os pedidos a que a lei obriga, que chamaram os bombeiros quando o fogo se descontrolou, e até o apagaram com as próprias mãos. E que, ainda assim, passaram meses ou anos a responder ao tribunal.

Juíza: Olhe, o senhor tem conhecimento da acusação? Sabe quais são os factos com os quais hoje está aqui a ser julgado?

A: Sei, então?

Juíza: Não é preciso eu ler novamente?

A: Eu acho que não.

Juíza: Não? Pronto. O senhor quer falar sobre isto? Quer-nos contar se corresponde à verdade?

A: Eu posso contar. Olhe.

Juíza: Diga-nos lá, o que é que aconteceu?

A: O que aconteceu foi o seguinte. Eu tinha cortado lá umas silvas num pinhalzito à beira da estrada, à beira de onde passa a via rápida. Mais tarde, lembro-me de as ir queimar porque estavam secas. Vou assim: “Agora estão secas, ardem bem”. Cheguei o lume às silvas. Mas... aquilo, quer dizer, nunca pensei daquilo se alampar. Havia lá umas giestas perto, e o lume chegou às... alampou às giestas. Ainda tentei e tal, mas já não pude. Pronto, e queimou... Queimou então o lume foi por essa berma cima, é um talude encostado à estrada e chegou a esse pinhal do vizinho. Chegou ao pinhal dele... Pronto, foi o que aconteceu.

Sofia da Palma Rodrigues: O que estamos a ouvir é o julgamento de um homem acusado do crime de incêndio florestal. Uma queima feita em Março, para eliminar silvas, quando não costuma estar calor; nem os fogos, à partida, são muito perigosos. E aqui, queremos deixar uma nota: não vamos identificar pessoas, nem lugares. Nem nestes áudios, porque só tivemos acesso a eles com essa condição. Nem nas entrevistas com incendiários que serão ouvidas ao longo desta série.

Juíza: Olhe, porque é que a seu ver o fogo se... o senhor descontrolou a fogueira, porquê?

A: Não, não descont...

Juíza: Porque é que a seu ver, porque é que a seu ver o fogo deflagrou?

A: Deflagrou porque, sei lá... alguma coisa, acendi aqui lume, as giestas estavam perto, alampou para as giestas.

Juíza: O senhor não limpou o terreno à volta, foi? O senhor não limpou o terreno à volta da...

A: Eu nunca pensei de ele... o terreno à volta, perto, estava... limpo.

Juíza: O senhor disse que foi para as giestas! O senhor andava lá sozinho?

A: Andava.

Juíza: O senhor já sabe que tem uma idade que não, não tem a agilidade necessária.

A: Ó senhora doutora, já há dois anos, agora já sou mais velho.

Juíza: Mas não vai voltar a fazer isso, pois não?

A: Pois não. Então...

Juíza: Ou vai?

A: Ouça lá, eu se adivinhava que alampava o fogo, ia lá chegar lume, senhora doutora? Então, carago...

Juíza: Não é essa a pergunta que eu lhe estou a fazer, ó senhor...

A: Diga, diga.

Juíza: O senhor não volta a fazer essas coisas sozinho. Pois não?

A: Eu acho que não.

Juíza: Não tem essa intenção?

A: Só se à cabeça vem. Isso é que não se sabe...

Juíza: Isso é outra questão. Isso é outra questão. Eu não tinha mais nada para dizer.

Sofia da Palma Rodrigues: E por queimar acidentalmente 1400 metros quadrados, sem causar danos de maior, este agricultor de 76 anos foi condenado a 700 euros de multa pelo crime de incêndio florestal.

Para perceber a estratégia do Governo em relação às queimas e queimadas, em Março de 2024 tentámos entrevistar Tiago Oliveira, presidente da AGIF – a Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais, um instituto do Estado criado em 2018, depois do incêndio de Pedrógão Grande.

Como resposta ao pedido de entrevista, recebemos um convite para ir assistir ao lançamento da nova campanha “Portugal Chama”. Uma campanha publicitária massiva que, desde 2018, passa por todas as televisões e rádios, e incita a ter cuidado com o fogo.

[trecho do anúncio da campanha “Portugal Chama 2024”]

Madalena: Portugal Chamou.

Homem: Os portugueses ouviram.

António: E todos juntos.

Alzira: Reduzimos para metade o número de incêndios [...]

Sofia da Palma Rodrigues: Aceitámos o convite e fomos ao lançamento da campanha. Tudo estava impecavelmente organizado e nesse mesmo dia, as televisões e os jornais repetiram, sem qualquer análise, os números que ali tinham sido apresentados. E que anunciavam a diminuição do número de fogos em Portugal.

Repórter: Foi lançada esta quarta-feira a campanha “Portugal Chama”. O objectivo é despertar consciências, para que o comportamento individual

não ponha em risco uma população e um país. É que o verdadeiro combate aos incêndios está na ausência de ignições [...].

Sofia da Palma Rodrigues: Uma estratégia mais uma vez focada nos acidentes e descuidos.

[trecho do vídeo “Queimas e queimadas no inverno”, da campanha “Portugal Chama 2024”]

Alzira: Ó Alzira, tens autorização para fazer essa queima?

Alzira: Autorização?

Alzira: [...] Alzira ouve-te. A prevenção começa em ti.

Sofia da Palma Rodrigues: Esta nova campanha imaginada pela agência de comunicação HAVAS está no ar entre 2024 e 2026.

Gonçalo Paiva: E nós vamos pôr Portugal inteiro a chamar a atenção a si próprio para a prevenção dos incêndios.

Sofia da Palma Rodrigues: Terá um custo de mais de 2 milhões de euros e foi apresentada no evento pelo publicitário Gonçalo Paiva.

Gonçalo Paiva: E como é que vamos fazer isso? Começámos por criar seis personagens, que espelham os principais públicos da nossa comunicação – o Jaime, a Alzira, o Pierre, o Paulo, a Madalena e o Pedro –, e colocámo-las todas em situações de perigo de incêndio – ou seja, na prevenção, na ignição ou na protecção –, a serem chamadas à atenção por um outro ele ou ela, ou seja, a sua consciência, para que tomem a decisão correcta.

Sofia da Palma Rodrigues: Os filmes da nova campanha “Portugal Chama” foram gravados numa quinta do Minho, com lameiros verdes, florestas de carvalhos e alamedas de bonitas árvores. Os actores tinham quase todos à volta de 40 anos. Um retrato que está muito distante da realidade.

[banda sonora]

Sofia da Palma Rodrigues: Com licença.

Tiago Oliveira: Isto não era suposto.

Manuel Bivar: Não era suposto dar a entrevista.

Sofia da Palma Rodrigues: Não era suposto?

Tiago Oliveira: Não era ou não suposto, vamos lá ver se eu consigo clarificar. Nós só ontem, devem ter visto nas notícias, é que tivemos o conselho de coordenação da agência. Não sei se têm seguido...

Manuel Bivar: Tiveram o...?

Tiago Oliveira: O conselho de coordenação da agência. Com o primeiro-ministro? De quem a gente dependia anteriormente.

[banda sonora]

Sofia da Palma Rodrigues: Em Junho de 2024, depois da apresentação da campanha “Portugal Chama”, finalmente conseguimos chegar à fala com o presidente da AGIF. Não foi fácil conseguir esta entrevista. A assessora de imprensa pedia-nos compreensão e justificava-se com a “mudança de Governo” e uma “agenda complicada”.

Mas depois de várias tentativas, num revés de última hora, quando nos preparávamos já para falar com um dos coordenadores regionais da AGIF, recebemos um telefonema a dizer que era Tiago Oliveira quem iria estar presente.

Manuel Bivar: Isto começou com esta curiosidade sobre o incêndiarismo e por acharmos que o incêndiarismo é tratado na comunicação social ou de uma forma um pouco sensacionalista, ou não se trata, não se olha. E queríamos tentar perceber de facto quem são essas pessoas.

Sofia da Palma Rodrigues: O processo foi pedir em várias comarcas do país processos por crime de incêndio e ir consultar os processos, e começar a falar com as pessoas ao mesmo tempo que fazíamos a investigação.

Tiago Oliveira: Com os incendiários propriamente... com as velhotas...

Sofia da Palma Rodrigues: Com os acusados de crime de incêndio. Perceber se para a AGIF esta questão do incêndiarismo...

Tiago Oliveira: Não é, quer dizer, é... Hoje é. Não era.

[banda sonora]

Sofia da Palma Rodrigues: Tiago Oliveira explicou-nos que, nos últimos anos, a estratégia da AGIF foi reduzir o número de incêndios provocados por queimas e queimadas para conseguir dar resposta a um grande fogo que pudesse surgir. Mas o que nós queríamos mesmo era tentar perceber o que é que a AGIF fez relativamente à principal causa de área ardida em Portugal – o incêndiarismo.

Tiago Oliveira: Só que a nossa tentativa a partir de 2017, “Epá, há 20 mil incêndios, a gente tem que começar a cortar o elefante às fatias”. Temos de ter uma campanha super forte a dizer: o fogo não são uns malandros de uns

incendiários numa seita organizada, que andam aqui a meter fogo nisto tudo; somos todos nós, que estamos a ter comportamentos errados. E começou-se a dizer: 60% dos incêndios são provocados por queimas e queimadas. ‘Pá, e começou-se a montar uma estratégia de comunicação.

Sofia da Palma Rodrigues: Sim, mas em 2017 apenas 25% foram por queimas e queimadas.

Tiago Oliveira: Calma. Ó... eu não sei o seu nome, desculpe.

Sofia da Palma Rodrigues: Sofia. Não, não, estamos a conversar, também é bom irmos contrapondo.

Tiago Oliveira: Não, não, eu converso, mas se vem com preconceitos para a conversa e está agarrada às estatísticas, e não quer ver as estatísticas que eu tenho – que são as oficiais –, só está a ver uma coisa pela sua perspectiva, a gente não chega a um encontro.

Sofia da Palma Rodrigues: Não, eu não estou a ver a coisa pela minha perspectiva. As estatísticas que eu tenho são os números oficiais do ICNF.

Tiago Oliveira: Não. Desculpe, dos incêndios de 2017 estão aí?

Sofia da Palma Rodrigues: Os incêndios de 2017 estão aqui.

Tiago Oliveira: E quantos é que são considerados como incendiarismo?

Sofia da Palma Rodrigues: Incendiarismo: causa. Não é os dados que me está a dizer.

Tiago Oliveira: Pronto. É que só os incêndios de 2017, de Outubro, os 280 mil hectares que arderam em Outubro, são queimas e queimadas... Não é incendiarismo.

Sofia da Palma Rodrigues: Não, não é esses os números que eu tenho. Em 2017, como queimas e queimadas tenho, no total do ano, que arderam 37 570 hectares.

Tiago Oliveira: Epá, eu vou colocá-la em contacto com o Yannick, que é o nosso cientista, que anda com as bases de dados para trás e para a frente.

Sofia da Palma Rodrigues: Pronto, eu acho que é isso, e podemos sair dos números, vamos avançar...

Manuel Bivar: Então, avançamos, vamos sair dos números. Eu queria só [...]

[banda sonora]

Sofia da Palma Rodrigues: A entrevista foi tensa e foram muitas as divergências. Sobre tudo em relação aos números. Como nos sugeriu Tiago Oliveira, falámos com Yannick Le Page, coordenador da área de Conhecimento e Inovação da AGIF. E os nossos números estavam correctos. Em 2017, as queimas e queimadas fizeram arder 37 570 hectares, enquanto o fogo posto foi responsável por seis vezes mais área. O que parecia divergir era a forma como queríamos olhar para a estatística.

Tiago Oliveira: Vocês estão com um viés! Do ponto de vista. Eu sei que o vosso tema é o incendiarismo. 'Pá, mas atenção!

Sofia da Palma Rodrigues: Não...

Manuel Bivar: A nossa grande curiosidade era uma... A nossa grande curiosidade era esta...

Sofia da Palma Rodrigues: Nós não estamos com um viés, nós estamos com curiosidade, que são duas coisas diferentes. E aquilo que nos estava a dizer não é verdade.

Tiago Oliveira: Está a ver? Mostre-me lá as linhas de tempo que tem.

Sofia da Palma Rodrigues: Então, tenho uma linha de tempo entre 2011 e 2023.

Tiago Oliveira: Está bem, minha senhora, mas a estatística, o mundo não começou em 2011.

Sofia da Palma Rodrigues: Sim, mas o que acabou de dizer, a frase que disse foi que em 2017 as queimas e queimadas eram...

Tiago Oliveira: Ouça.

Sofia da Palma Rodrigues: Deu-me um número, e a única coisa que eu contrapus foi com o número que tinha.

Tiago Oliveira: Então vamos, quer dados? Os dados estão aqui. Tratados e analisados de uma forma científica e tecnicamente consistente. Isto não são dados, desculpe, isto são 10 anos, isto são 11 anos de dados. Isto não tem padrão estatístico.

Sofia da Palma Rodrigues: Eu acho que temos de chegar também aqui a um acordo que é: nós também analisámos os dados de uma forma científica, e também as nossas fontes são as fontes oficiais do Governo. Portanto, estamos aqui para tentar compreender.

Tiago Oliveira: Mas está-me a querer levar a dizer uma coisa que eu não lhe vou dizer, que é a maioria de área ardida era de incendiarismo.

Sofia da Palma Rodrigues: Bom, mas isso eu não preciso que me diga porque os números dizem-no.

Tiago Oliveira: Não dizem não.

Sofia da Palma Rodrigues: Continuamos até hoje sem compreender o porquê desta negação. Mas depois de mais de uma hora à volta dos números, queríamos mesmo perceber se alguma coisa tinha sido feita pela AGIF em relação ao incendiarismo.

Sofia da Palma Rodrigues: Voltar ao início da nossa conversa em que dizia que o incendiarismo quando a AGIF começou não estava no vosso foco e que, agora, já está.

Tiago Oliveira: Não, estava no foco. A gente não podia dizer que isto é tudo um bando de criminosos incendiários, porque isso não é verdade. Agora que o problema das queimas e das queimadas está resolvido e há mecanismos legais para o fazer, no Verão, os incêndios que sobram são mesmo aqueles dos incendiários. E esses têm que ser objecto de trabalho policial. Mais...

Sofia da Palma Rodrigues: Era isso que eu queria perguntar: quando diz que isso agora entrou no foco da AGIF, era perguntar: qual é a estratégia? Ou seja, se vai haver um plano focado nestes casos?

Tiago Oliveira: Não vai haver, o plano existe. Está aqui, página 113. São vários projectos que estão aqui no plano nacional... Tem, por fichas: regular e implementar o uso do fogo, lá está. Regras para deixar poder arder nas alturas certas nos sítios certos – há sítios em que é bom uma queimada intensa, há sítios em que é mau; apoio às populações na utilização das queimas e queimadas; e mecanismos de apoio à realização das queimadas.

Sofia da Palma Rodrigues: Sim, mas aqui estamos nas queimas e queimadas, eu estava a perguntar relativamente ao fogo posto.

Tiago Oliveira: Tem aqui no relatório de 2023 que vai ser entregue à Assembleia da República... Isto não vai ser publicado para a semana, pois não?

Manuel Bivar e Sofia da Palma Rodrigues: Não, não, não.

Tiago Oliveira: Neste relatório que vai ser publicado na Assembleia da República, nós vamos dizer [que] há aqui dois projectos que não andaram: o da saúde... de acompanhamento da saúde mental, é necessário apoio de inserção, de inclusão, de detecção da toxicodependência e das adições. Se as pessoas que vivem no campo, idosas, isoladas, alcoolizadas ou uma juventude, entre aspas, com problemas de adicção, não está apoiada e integrada, então isso vai ser terrível. Isto é uma ficha que devia ser feita pelo Ministério da Saúde. Está aqui, dono: Ministério da Saúde, Ministério da Justiça, Serviço Nacional de Saúde. Nós ajudamos. Mas isto não avançou. E esta ficha tem que avançar e nós estamos sempre a dizer – e todos os anos dizemos – que isto está parado. E está aqui a dizer que a ficha não anda.

[banda sonora]

Sofia da Palma Rodrigues: A ficha não anda. E as consequências disso vão muito além de qualquer relatório. No próximo episódio, saímos dos gabinetes e descemos a Sul. No Algarve, vamos ouvir pessoas condenadas por incendiarismo – as primeiras que conseguimos entrevistar.

L: É assim, a minha versão da história é, portanto, o ponto que eu vivi complicado, que é: eu tenho uma depressão e tenho que me tratar, que

País de Incendiários

Um podcast de investigação
da revista Divergente

senão fico maluco. A gente pensa “bom, o que é que eu vou fazer? Vou fazer mal!”. Ocorreu-me esta situação de, pronto, dar fogo, não sei porquê, pega-se no isqueiro e vamos embora.

[jingle]

Sofia da Palma Rodrigues: “País de Incendiários” é um podcast de investigação produzido pela revista DIVERGENTE. Se quiser conhecer os números de que falamos neste episódio e saber mais detalhes sobre este trabalho pode consultar o site em divergente.pt/paisdeincendiarios

A pesquisa, as entrevistas e o guião são de Manuel Bivar e Sofia da Palma Rodrigues, a edição de Diogo Cardoso, Luciana Maruta e Pedro Miguel Santos, a montagem de Inês Sambas, a banda sonora de Henrique Silva e Zé Cruz, a edição e mistura de som de Luís Pinto, as ilustrações de Nogueira Lopes, o design de José Mendes, os gráficos interactivos de Beatriz Malveiro e Rita Costa, a animação gráfica de Pedro Lopes, o desenvolvimento web de Manuel Almeida, a revisão de texto de Teresa Montenegro, a consultoria de imagem de Ricardo Venâncio Lopes, a produção de Ana Pereira e a comunicação de Beatriz Walviessse Dias. A gravação de voz foi feita no estúdio do Fumaça, um podcast de jornalismo de investigação.

Até breve.

[fim do *jingle*]